

ANTONIO NEPOMUCENO

ABSTRAÇÕES
ACIDENTAIS

O Centro Cultural Câmara dos Deputados apresenta a exposição

ANTONIO NEPOMUCENO

ABSTRAÇÕES ACIDENTAIS

Centro Cultural

Secretaria de
Comunicação Social



ABSTRAÇÕES ACIDENTAIS

Não acredito em destino, mas no acaso. Nossa vida cotidiana é sempre sensível a ele. Muitas vezes, o acaso muda caminhos, mas não nos tira o livre-arbítrio, a não ser em situações trágicas e definitivas. Ele não está submetido a regras e não se pode estabelecer se é bom ou ruim, porém, com certeza, é uma fonte de diversidade e renovação.

Na arte, “o acaso existe na medida em que a seletividade de nossa percepção permite enxergá-lo”, segundo Ronaldo Entler, em *Poéticas do acaso*. Ele está sempre presente na escolha do objeto, no processo de criação e no resultado final, mas em todas essas etapas há algo de subjetivo. Vários são os artistas

que utilizaram o acaso no seu processo de criação, como Mallarmé, Hans Arp, Marco Junco, Marcel Duchamp, Man Ray, Max Ernst, Pollock, Miró, David Bowie e muitos outros.

As imagens desta série, *Abstrações Acidentais*, encontradas nos destroços de carros acidentados, são o resultado de acasos. Tal como em uma fotografia, os destroços desses veículos são o retrato do evento: são a sua memória. Além disso, os metais deformados e coloridos dos carros abandonados, sob a ação das intempéries, são modificados por processos de deterioração, configurando um outro acaso. Quanto maior a distância temporal do evento, mais eles perdem a sua identidade e expõem novas realidades visuais. Se o acaso proporcionou as formas e as deteriorações, a minha subjetividade em busca da resignificação do trágico definiu a abstração como maneira de apresentação das imagens. O processo de tratamento das imagens acrescentou também outra camada visual, incorporada com minhas referências estéticas, estórias e afetos.

Em nossa sociedade de consumo, esses destroços servem apenas como materiais para reciclagem, mas Manoel de Barros, em *Matéria de poesia*, dá para eles outro significado: “...tudo aquilo que a civilização rejeita, pisa e mija em cima, serve para poesia”. Também Georges Didi-Huberman, em seu livro *Imagens-ocasiões*, referindo-se à arte questiona: “Não há uma vida potencial até nas coisas mais devastadas?”.

Ao buscar estas imagens, imaginava o que tinha ocorrido, mas tinha a sensação de que estava contemplando apenas rastros. Um filme de 35 mm, encontrado em um dos carros acidentados, é um rastro do imponderável e potencializou minha reflexão diante do acaso. “A partir dos rastros da ferradura, pode-se eventualmente reconstruir a direção do cavalo, talvez ter uma ideia de sua velocidade e do peso do cavaleiro; mas não saber quem ele era, nem o que tinha na cabeça, e se estava correndo rumo ao seu amor ou rumo à sua morte” é a metáfora de Cornelius Castoriadis, citado por Didi-Huberman, para se referir às inquietações diante de uma imagem. E ela se adéqua ao que trago para esta exposição.

De modo semelhante à arte de John Chamberlain, que utilizava carros acidentados como matéria-prima de suas esculturas, aqui nesta mostra, o que aconteceu está ali, mas nos leva a um novo patamar de sensações. Para Huberman, a “dança psíquica com uma imagem é sem fronteiras, sem limites” e, com certeza, as sensações oferecidas por elas serão diferentes para cada um que as contemplar. Afinal, “um sentir é o do sentente, mas outro é o do sentidor”, como lembra o narrador de *Grande sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa.

ANTONIO NEPOMUCENO



S/ título
Fotografia digital impressa em *fine art*
75 x 110 cm
2012

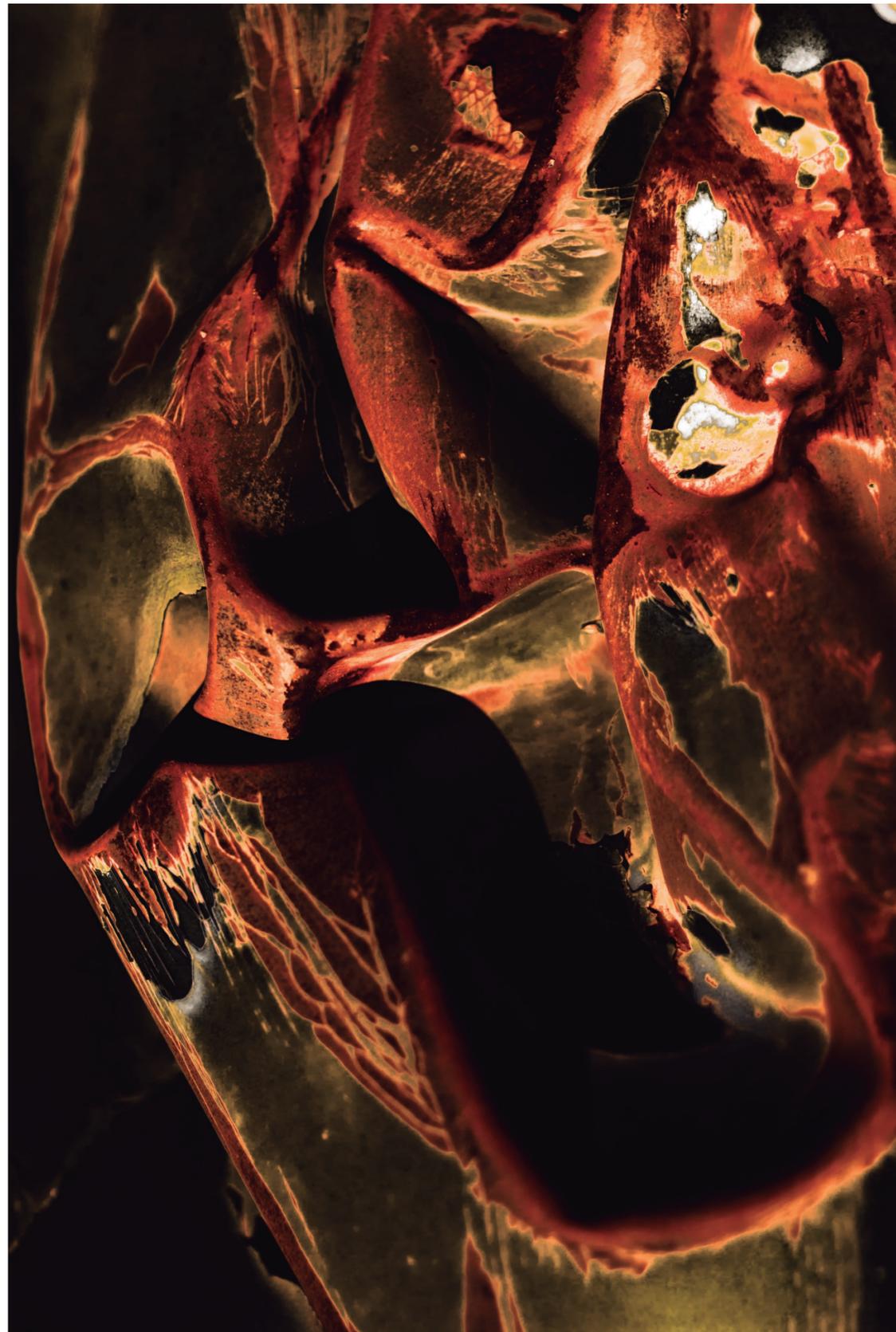


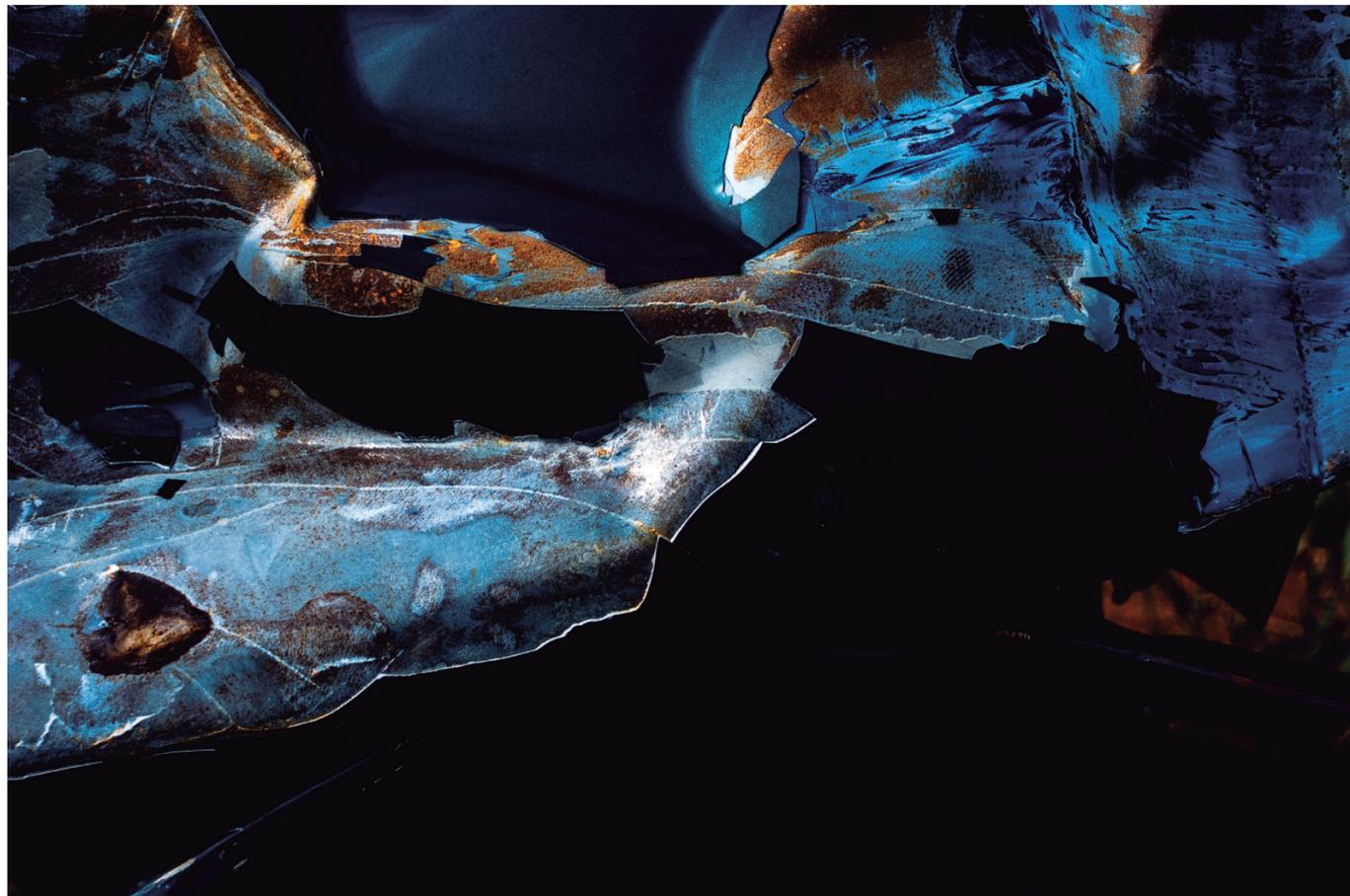
S/ título
Fotografia digital impressa em *fine art*
60 x 40 cm
2012



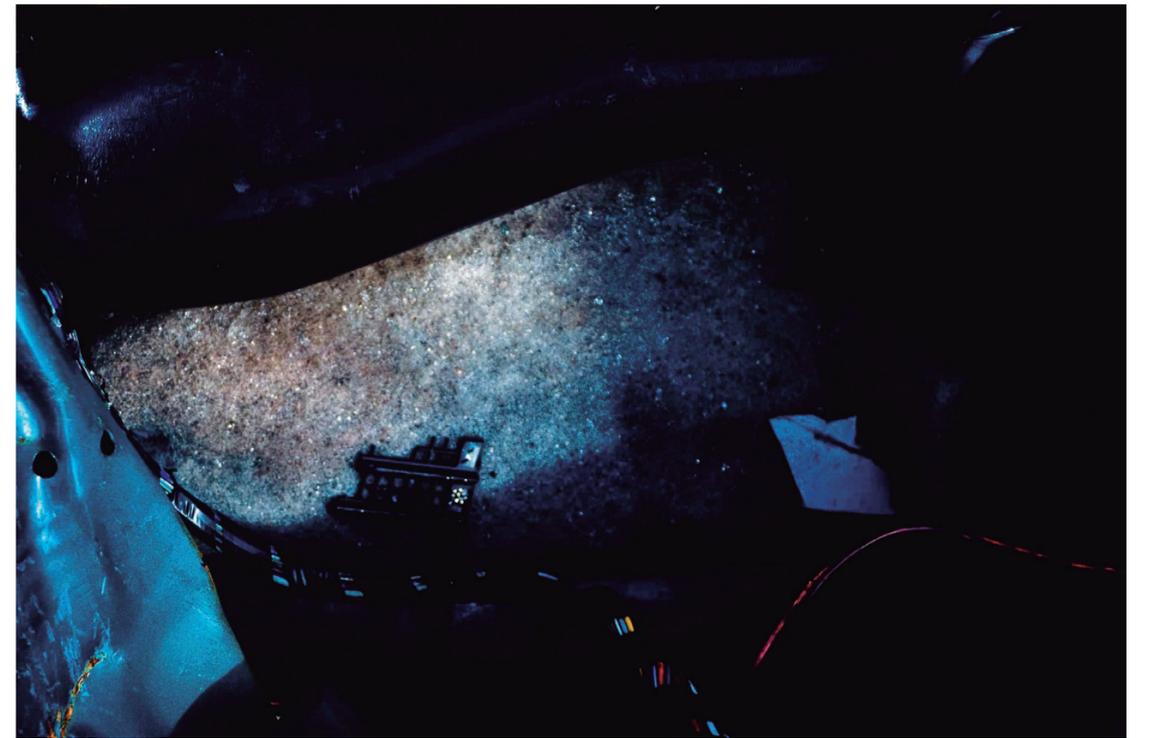
S/ título
Fotografia digital impressa em *fine art*
60 x 90 cm
2012

S/ título
Fotografia digital impressa em *fine art*
110 x 75 cm
2012





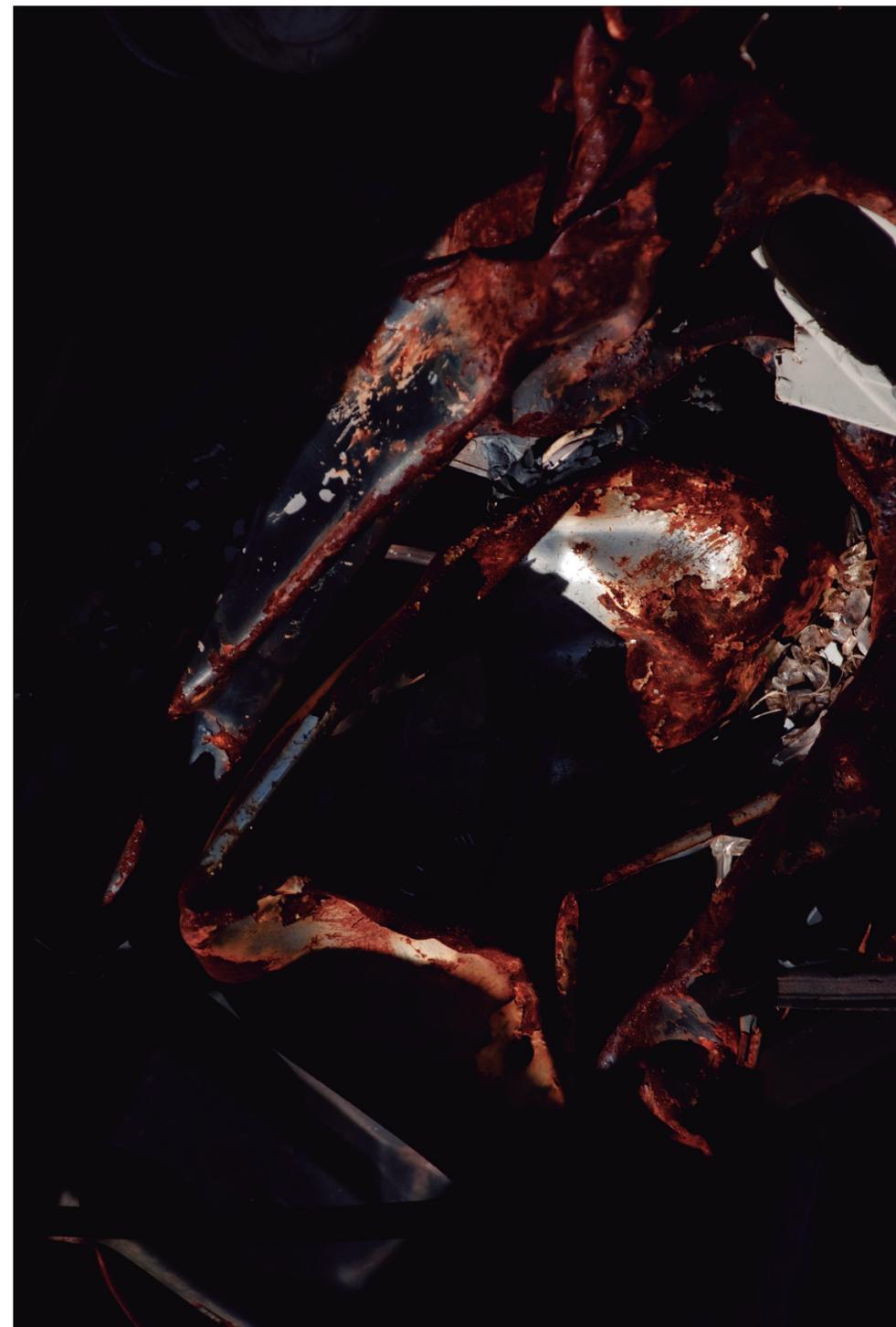
S/ título
Fotografia digital impressa em *fine art*
60 x 90 cm
2012



S/ título
Fotografia digital impressa em *fine art*
60 x 90 cm
2012



S/ título
Fotografia digital impressa em *fine art*
60 x 90 cm
2012



S/ título
Fotografia digital impressa em *fine art*
60 x 40 cm
2012

Abstrações Acidentais, já em seu título, propõe um desafio semiótico. Imagens que têm como fonte o acaso e sua origem primordial em acidentes reais. Algo inesperado a gerar matéria-prima para imagens – detalhes de carros acidentados estacionados em um pátio. Como resultado, surgem abstrações temporais com um certo desempenho múltiplo: tempo passado e presente, o percurso para que objetos tornem-se imagens.

A abstração na fotografia já era notada há tempos. Em 1951, tivemos a mostra *Abstraction in photography*, no MoMA, com curadoria de Edward Steichen e cerca de 75 autores, como Ansel Adams, Erwin Blumenfeld e László Moholy-Nagy, entre outros. Uma reunião eclética que trazia imagens científicas, aquelas inventadas pelos autores, as de padrões mecânicos e aquelas resultado de formas orgânicas encontradas na natureza.

Nas palavras do poeta Stéphane Mallarmé, “um lance de dados nunca abolirá o acaso”. A minha referência, embora dirigida a um “poema tipográfico”, não o torna um autor hermético, assim como Antonio Nepomuceno também não é um fotógrafo assim. Seu conteúdo é aberto e não cifrado. Enxergamos uma junção da forma visível com a nova arquitetura, desenhada tanto poeticamente quanto pelo grafismo acentuado. Neste aspecto, seu trabalho se aproxima das formas do artista César Baldaccini e de sua impressionante escultura *Compression dirigée (Viens ici que j’t’esquiche)*, de 1961.

Se para César a inspiração surgiu quando viu uma máquina de britagem hidráulica em ação, para Nepomuceno ela surgiu da observação casual do pátio. Suas imagens não foram geradas como as esculturas montadas por compressão. Elas são o resultado de um triste acaso, embora também essa circunstância não se esquivasse da arte. Vale lembrar, por exemplo, as fotografias de Frederick Sommer, fragmentos de paredes em ruínas, na mostra do MoMA já citada; elas representam o sentimento imutável do poder e da força, que vai além dos fatos reais da imagem, como sugere Steichen. Ainda que um seja incidental e outro originário da percepção transformadora, ambos apresentam a habilidade criativa.

Antonio Nepomuceno conduz sua obra por meio da memória embutida nos seus registros. Uma memorabilia formada pelo acaso, fruto do cruzamento de múltiplas ações. Na maior parte, formas abstratas e ligeiras pontuações no final, onde os detalhes perceptíveis – o interior de um carro invadido pelo tempo e um pedaço de filme 35 mm – atestam que tais formatos geométricos ou ameboides, luminosos ou opacos situam-se na realidade ultrapassada, mas ressignificada para o contemporâneo. Voltamos assim à essência da fotografia e mais uma vez ao inexorável tempo que nos move.

JUAN ESTEVES

fotógrafo, curador e editor



S/ título
Fotografia digital impressa em *fine art*
40 x 60 cm
2012

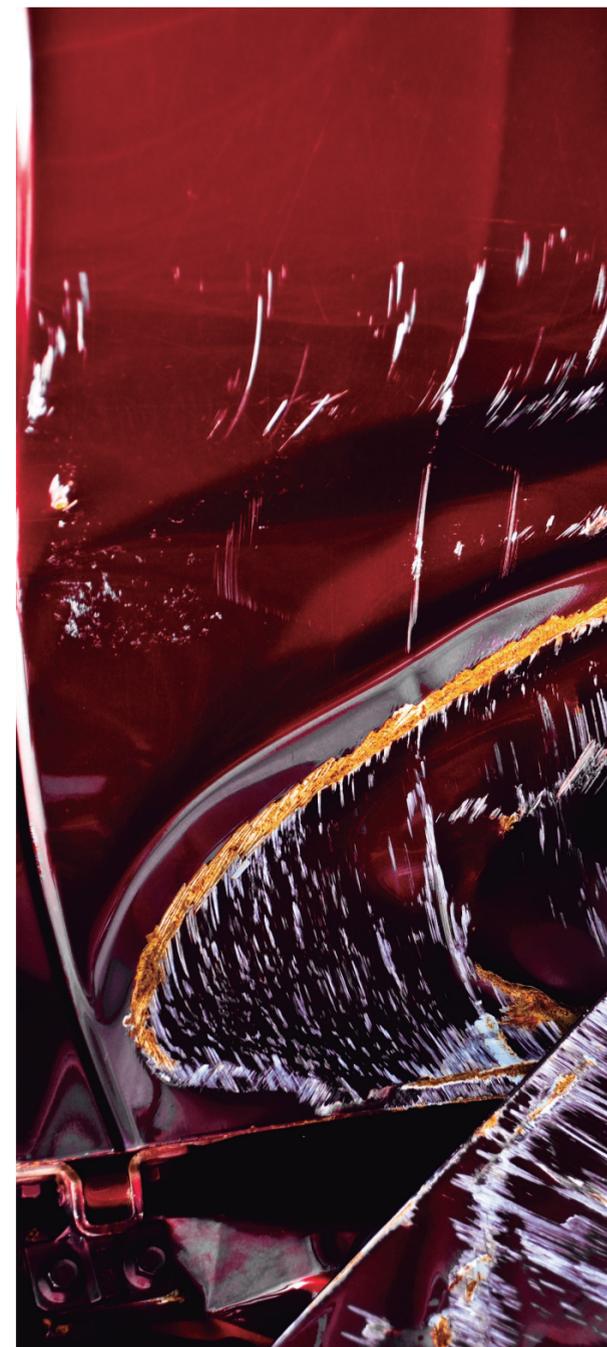


S/ título
Fotografia digital impressa em *fine art*
90 x 40 cm
2012

S/ título
Fotografia digital impressa em *fine art*
90 x 40 cm
2012

S/ título
Fotografia digital impressa em *fine art*
90 x 40 cm
2012

S/ título
Fotografia digital impressa em *fine art*
90 x 40 cm
2012

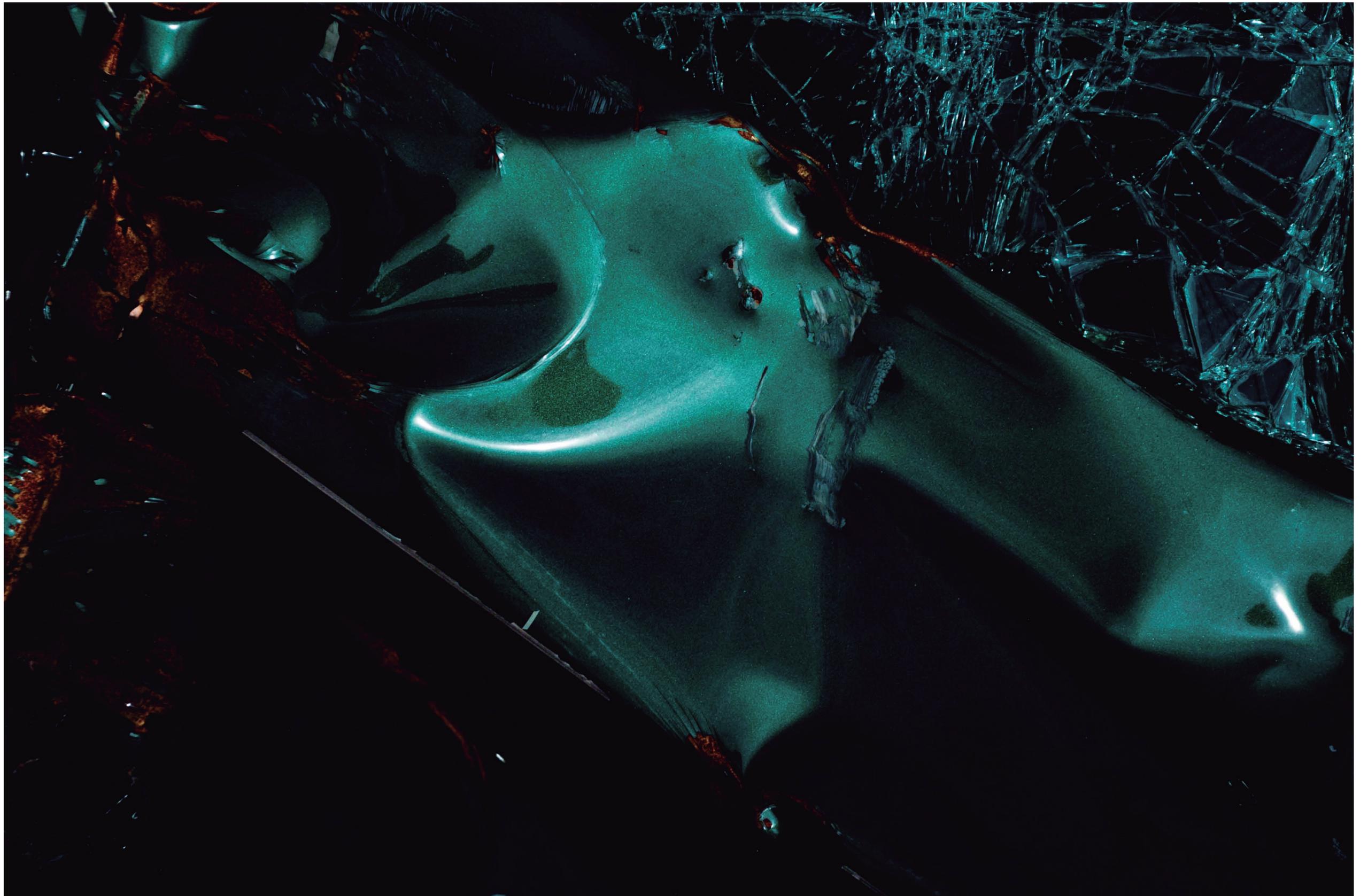




S/ título
Fotografia digital impressa em *fine art*
60 x 40 cm
2012



S/ título
Fotografia digital impressa em *fine art*
60 x 40 cm
2012



S/ título
Fotografia digital impressa em *fine art*
60 x 90 cm
2012

S/ título
Fotografia digital impressa em *fine art*
40 x 40 cm
2012





ANTONIO NEPOMUCENO

Antonio é natural de Catiara, Minas Gerais, e desde 2007 tem se dedicado à fotografia com grande empenho. É engenheiro civil de formação e já foi professor do Departamento de Engenharia Civil da Universidade de Brasília, na área de pesquisa de edificações que compõem o Patrimônio Cultural da Unesco. Já participou de festivais de fotografia como o Paraty em Foco, em Paraty, e o Foto em Pauta, em Tiradentes, além de várias exposições coletivas e uma individual. Uma de suas obras, inspirada no romance *A rainha dos cárceres da Grécia*, de Osman Lins, foi adquirida pela Fundação Osman Lins, em Pernambuco. Tem fotografias no acervo do colecionador de fotografias Joaquim Paiva, e, como resultado de sua atuação na área de fotografia, tem registro no Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal.

EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS E COLETIVAS

2019

Abstrações acidentais, exposição individual na Galeria Baixo Cobogó. Brasília-DF.

Transoeste – exposição de fotógrafos do Centro-Oeste, na Câmara-Sete, Casa da Fotografia de Minas Gerais. Belo Horizonte-MG.

2018

Bienal das artes, no Sesc. Brasília-DF.

Transoeste – exposição de fotógrafos do Centro-Oeste, no Foto em Pauta. Tiradentes-MG.

Água, reflexões sobre o amanhã, no Museu da República. Brasília-DF.

2017

Lorca, trajetórias imagéticas entre o traço e o verbo – exposição de fotografias inspiradas no livro *Poeta em Nova York*, no Instituto Cervantes. Brasília-DF.

2015

Onde anda a onda – cartografia das artes plásticas no DF, no Museu da República. Brasília-DF.

2013

Babilônia Norte, no Espaço Cena. Brasília-DF.

2011

Memórias e outros resgates fotográficos, no Espaço Cultural Zumbi dos Palmares da Câmara dos Deputados. Brasília-DF.

PUBLICAÇÕES

Transformações – livro virtual produzido pelo blog Câmara Obscura em parceria com o Espaço f/508, com a participação de 10 fotógrafos e curadoria de Humberto Lemos e Rodrigo Oliveira, 2010.
<http://cameraobscura.fot.br/wp-content/uploads/2013/11/transformacoes.pdf>

Projeção Olhavê – projeção fotográfica da série Reflexos do tempo apresentada no 7º Paraty em Foco – Festival Internacional de Fotografia (setembro/2011); Oi futuro, Encontro da Comunidade Mineira de Fotografia em Belo Horizonte (novembro/2011); Acercamiento a la fotografía contemporánea Latinoamericana no Fotograma-11 em Montevideu (novembro/2011), com curadoria de Alexandre Belém e Georgia Quintas – <https://vimeo.com/115710931>

Reflexos do tempo – livro de fotografia que dialoga com a poesia do poeta mineiro Wilson Pereira, abordando temas como a infância, o tempo e a memória. O livro é o resultado do curso *Ateliê*, publicado em 2012, com o patrocínio da empresa Campolina, Construção e Incorporação (CCI).

Coletivo 2011 – livro coletivo de 9 fotógrafos, publicado em parceria com o Espaço f/508 de fotografia, em 2011, com a curadoria de Humberto Lemos.

Abstrações acidentais – livro de fotografia com 48 imagens que contém as imagens objeto desta exposição. 1ª ed. São Paulo: Origem, 2019.

ANTONIO NEPOMUCENO

ABSTRAÇÕES ACIDENTAIS

Visitação de 4 de março a 1º de abril de 2020, segunda a sexta, das 9h às 17h

Galeria Décimo | Anexo IV, 10º andar | Câmara dos Deputados

Câmara dos Deputados | Mesa Diretora da Câmara dos Deputados PRESIDENTE Rodrigo Maia (DEM/RJ) | 1º VICE-PRESIDENTE Marcos Pereira (Republicanos/SP) | 2º VICE-PRESIDENTE Luciano Bivar (PSL/PE) | 1ª SECRETÁRIA Soraya Santos (PL/RJ) | 2º SECRETÁRIO Mário Heringer (PDT/MG) | 3º SECRETÁRIO Fábio Faria (PSD/RN) | 4º SECRETÁRIO André Fufuca (PP/MA) | SUPLENTEs Rafael Motta (PSB/RN), Geovania de Sá (PSDB/SC), Isnaldo Bulhões Jr. (MDB/AL), Assis Carvalho (PT/PI)

COORDENAÇÃO DO PROJETO Secretaria de Comunicação Social, Centro Cultural Câmara dos Deputados | SECRETÁRIO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL Fabio Schiochet (PSL/SC) | DIRETOR EXECUTIVO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL David Miranda | DIRETORA DO CENTRO CULTURAL Isabel Flecha de Lima | NÚCLEO DE HISTÓRIA, ARTE E CULTURA COORDENAÇÃO Clauder Diniz | PRODUÇÃO Lucas Ramalho | REVISÃO Maria Amélia Elói | PROJETO GRÁFICO Clara Iwanow | MONTAGEM E MANUTENÇÃO DA EXPOSIÇÃO André Ventorim, Edson Caetano, Paulo Titula, Wendel Fontenele | MATERIAL GRÁFICO Coordenação de Serviços Gráficos - CGRAF/DEAPA

Contato do artista

Antonio Nepomuceno

+55 61 9964-1676

aa.nepomuceno@gmail.com

instagram.com/aanepomuceno

Informações: 0800 619 619 – cultural@camara.leg.br

Palácio do Congresso Nacional – Câmara dos Deputados – Anexo 1 – Sala 1601 – CEP 70160-900 – Brasília/DF

<http://www.camara.leg.br/centrocultural>

Brasília, março de 2020.

SELECIONADO POR

EDITAL CÂMARA
Centro Cultural Câmara dos Deputados



Centro Cultural
Secretaria de
Comunicação Social

